

DISCURSO DE POSSE

LUIZ DELFINO

LUIZ DELFINO DOS SANTOS nasceu em 25 de agosto de 1834 na Ilha de N. S^a do Desterro, atual Florianópolis, na Rua Augusta, atual João Pinto. Filho de Tomas e Delfina Victorina e mimado pelas escravas – Ana e Tereza , e morreu no Rio de Janeiro, em 31 de janeiro de 1910.

Aos 16 anos foi para o Rio estudar medicina. Hospedou-se na casa de um comerciante amigo de seu pai. Trabalhava na loja e estudava.

Ficou rico. Adquiriu muitos imóveis. Morava em um belo casarão na Tijuca. Fazia poesias, mas não as publicava. Aliás, nunca publicou nenhum trabalho literário a não ser sua tese de doutorado.

Elegeu-se Senador da Republica por Santa Catarina. Era amigo de Sillvio Romero. Nunca faltou ou chegou atrasado a uma sessão no Senado. Sobressaia-se nos debates mesmo na presença de Campos Sales, Rui Barbosa ou Quintino Bocaiúva.

Machado de Assis não o convidou para a Academia de Letras alegando que Luiz Delfino não tinha livros publicados, porém, este argumento não tinha fundamento, pois Graça Aranha não os tinha e fora convidado. Era voz corrente que Machado de Assis não admitia que Cruz e Souza e Luiz Delfino, ambos negros soubessem ou escrevessem mais do que ele. Esquecia-se de que também era mulato; ou um negro.

Em uma festa, quando Luiz Delfino ocupava um dos camarotes com sua família, Gustavo Santiago o proclamou o “Príncipe dos Poetas Brasileiros”, colocando-lhe uma corroa de louros.

Fez poemas curtos, mais outros muito longos, um deles com 2120 palavras. Nesta Casa de Letras, é patrono da cadeira n^o 07, que ocuparei de hoje em diante. Na Academia Catarinense de Letras é também patrono da cadeira n^o 27, ocupada por Pedro Bertolino.

Luiz Delfino faleceu no Rio de Janeiro, em um dos seus casarões, no dia 31 de janeiro de 1910. Em seu funeral, representando o Presidente da Republica, estava o Cap. De Corveta José Maria Penido e representando o Estado de Santa Catarina, os senadores Augusto Vasconcelos e Felipe Schmidt. Dizem que, na hora de sua morte, o quarto ficou impregnado do perfume de rosas de seu jardim, por ele mesmo plantadas.

Já com a idade avançada apaixonou-se por sua afilhada Eugênia e dela se tornou amante. Fez para sua deusa muitos poemas, chamando -a de Helena.

Seu mais violento poema foi dedicado a Floriano Peixoto, quando soube da chacina de Anhatomirim.

**Covarde, não se prende um povo livre
Como se prende multidões de escravos.
Nem se transformam exércitos de bravos
Em carcereiros vil de uma nação
Cada soldado que te serve, infame,
Sabe que é cidadão brasileiro
E que seu sangue verterá primeiro
Contra quem deu ao povo a escravidão.**

Embora se haja comemorado, recentemente, o sesquicentenário de nascimento de Luiz Delfino, não é expressiva a fortuna crítica do poeta catarinense; inexistia, até então, uma biografia situando devidamente sua obra e sua vida. Há, sim, estudos esparsos, como o de Nereu Corrêa (o mais significativo deles), analisando-lhe o trabalho e buscando algumas aproximações que nos dão uma idéia da época e do meio em que Delfino atuou e viveu e da importância de sua obra poética.

Com a exaustiva e documentada biografia de Ubiratan Machado, **Vida de Luiz Delfino**, esta lacuna é suprida. Ele pesquisou minuciosamente, levantou fontes até então inéditas, revela aspectos ignorados do homem e do artista.

Luiz Delfino foi poeta, médico, político.

Como poeta deixou obra extensa, esparsa, por jornais e revistas (só reunida em livro após sua morte), tendo sido eleito, em 1895, Príncipe dos Poetas Brasileiros, e, em 1900, Silvio Romero considerou -o o maior poeta do Brasil, “ pela variedade e extensão de sua obra”; como médico teve uma carreira pontilhada de sucesso; como político, foi Senador e Constituinte da primeira Constituição da República (1890 -1893). Referindo à sua atuação no Senado, Ubiratan Machado diz: “Desde a abertura dos trabalhos no Senado, Luiz Delfino procurou corresponder à confiança de seus conterrâneos. Sentia-se empolgado, cheio de planos”.

Em 2001, a Academia Catarinense de Letras, reuniu por estudo, organização e bibliografia de Lauro Junkes e Terezinha Kuhn Junkes, editado em 2 Tomos, a Poesia completa e Sonetos (Tomo I com 687 páginas / Tomo II com mais 736 páginas), de Luiz Delfino. Assim temos agora a oportunidade de nos deliciarmos com a leitura de tão importante obra. Quando li rapidamente (por empréstimo de meu grande amigo, advogado, escritor e também agora acadêmico Carlos Adauto Vieira) parte da obra recentemente editada, destaquei este poema que achei muito importante:

**E o que Deus de bom faria
Era não fazer a dor
E em tudo pôr a alegria
E em tudo espalhar o amor**

Enfim, a poesia de Luiz Delfino desdobra um universo amplo, multifacetado, sobretudo ao enveredar pela figura feminina e a ela associando o mais universal sentimento e a mais inextinguível das sedes: **o amor.**

Nesta síntese introdutiva ao seu universo poético, pretende -se retomar os aspectos fundamentais da poesia desse grande expoente das letras vernáculas, tão injustiçado pela crítica e pela história literária nacional. Sua obra poderá merecer verticais estudos monográficos em relação a traços e aspectos como: a imaginação exuberante, criadora de todo um universo pessoal; o sensualismo sem limites, o envolvimento de todos os sentimentos, de todas as sensações – tácteis, olfativas, visuais, auditivas – na criação de atmosferas líricas, intimistas, eróticas; a comunhão telúrico - cósmica, com a criação de toda uma imagística sideral, para assim encontrar condições de realizar seu amor e seus desejos; as formas e gradações do amor e as faces da mulher; as inquietações filosóficas e o ceticismo metafísico, sem menosprezar a face social, épico -patriótica de parte dos seus poemas. São perspectivas abertas para monografias, dissertações e teses. Urgente se torna voltar a ler e a analisar a poesia de imortal cantor de Imortalidades.

Agradeço à Academia de Letras de Biguaçu, por ter-me dado esta tão grande oportunidade de ser Acadêmico, ocupando a cadeira nº 07, com tão honroso patrono Luiz Delfino.

Deve ser moda atualmente, os artistas musicais e seus críticos, serem indicados para Academias de Letras, como, recentemente, Luiz Horta foi indicado para a Academia Brasileira de Letras

O novo imortal estudou piano e teoria musical e em 1970 passou a trabalhar como crítico do “Jornal do Brasil”. Hoje escreve para “O Globo”.

Em 1983, o jornalista publicou o primeiro livro, “ Caderno de Música, e em seguida editou o “Dicionário de Música Zahar”.

Enfim, alguns dados de Luiz Delfino, um dos maiores poetas brasileiro.

De Capri para Biguaçu em 20 de setembro de 2008.

Rudi Oscar Beckhauser.